

«Erica Ridley
é maravilhosa!»
Julia Quinn

Porquê seduzir um duque
de modo convencional,
quando se pode raptá-lo num
assalto planeado ao pormenor?

ASSALTO *ao* DUQUE

ERICA
RIDLEY

TOP
SELLER

*Para todos os que esperam ter um lugar a que pertençam.
E para o Roy, por tudo.*

1



Março de 1817
Londres, Inglaterra

A menina Chloe Wynchester entrou intempestivamente pela porta da enorme residência da família, na semielegante Islington, logo seguida pela sua irmã Thomasina. O coração de Chloe acelerou de entusiasmo. Sua Arrogância, o Duque da Gelada Reprovação, não tinha qualquer hipótese.

— Tenho novidades acerca do quadro! — gritou, incapaz de guardar a emoção só para si.

Numa casa mais respeitável, uma jovem seria censurada por ser tão vulgar ao ponto de gritar, mesmo dentro dos limites da sua própria casa. Essa jovem seria também censurada por usar calças e passear-se por Westminster sob uma falsa identidade.

Todos os dias Chloe agradecia não ter essas limitações.

O seu malicioso irmão Graham apareceu no cimo da escadaria de mármore, com a incredulidade e o prazer patentes no belo rosto. Estava habituado a ser ele a partilhar notícias chocantes.

— Não fiques aí. Vem imediatamente para a sala dos projetos. Vou tocar para mandar vir o chá.

Trocando sorrisos, Chloe e Tommy subiram dois a dois os degraus da escadaria de mármore, o que lhes era facilitado pelas calças de flanela cinzenta que envergavam. Em poucos segundos, juntaram-se a Graham na sala dos projetos, um espaço comum e privado que os seis irmãos usavam para combinar os seus estratégias.

Chloe e Tommy atiraram os seus chapéus altos para cima da longa mesa de nogueira, no centro do aposento insonorizado.

Tommy passou a mão pelo cabelo castanho, cortado curto, fazendo-o espetar em todos os ângulos. Graham retirou um monte de tabloides da mesa e colocou-o na caixa dos mapas para arranjar espaço para o lanche. Tommy e Graham atiraram-se para os seus cadeirões bordados favoritos, entre as duas grandes janelas, adornadas por pesadas cortinas de chita, com motivos cor de rubi e ouro.

Chloe estava demasiado excitada para se sentar. Preferiu andar de um lado para o outro no chão de lajes ainda com vestígios de giz da última sessão de planeamento. Fez uma pausa diante da lareira apagada e olhou para cima.

Desde que se lembrava, dois quadros tinham estado sempre pendurados sobre a lareira de mármore branco. Um deles desaparecera havia oito meses. Mas não continuaria ausente por muito mais tempo.

— A sala dos projetos parece vazia sem o nosso *Puck* — disse Graham, com rispidez.

— Não é só a sala — corrigiu Tommy. — Toda a casa.

As *nossas vidas*. Ninguém pronunciou as palavras em voz alta, mas todos sabiam que era verdade. A casa pertencera ao Barão Vanderbean, mas o quadro adorado pertencia a todos eles.

Bean salvara a sua heterogénea ninhada de órfãos no decorrer de um único verão. Seis crianças orgulhosas e assustadas, com idades entre os 8 e os 11 anos: Chloe, Tommy, Graham, Jacob, Marjorie e Elizabeth. A vida ensinara-os a serem desconfiados e cautelosos. Terem vindo juntos como uma única família fora o momento mais fundamental das suas vidas.

Chloe ergueu o olhar para o retrato sobre o lado esquerdo da lareira. O rosto paternal de Bean mostrava um sorriso que enrugava os cantos dos seus brilhantes olhos azuis. Não era habitual sorrir-se num retrato, mas fora provavelmente por isso que Bean o fizera. Chloe sentia-se feliz por ele o ter feito. O sorriso dele sempre a fizera sentir-se amada.

Uma criada entrou no aposento e começou a tratar do chá. Chloe desapertou o plastrão, para não o encher de migalhas.

Tommy estremeceu de emoção.

— Estou desejosa de ouvir o teu plano, Chloe. Assim que o *Puck* voltar para casa, será como que o regresso de uma parte do Bean. Como se fôssemos de novo um todo.

O coração de Chloe batia com força em concordância. Os seis irmãos fariam tudo o que estivesse ao seu alcance para trazer *Puck & Família* para casa, aonde pertencia.

Antes de se terem encontrado, a maioria dos irmãos nunca tivera alguém em quem confiar ou posses a que pudessem chamar suas. Tinham aprendido da maneira mais difícil a não criar ligações emocionais a pessoas ou coisas.

Bean oferecera-lhes permanência. Um lugar a que pertencessem. Um lar. Dissera-lhes que eram os filhos que sempre desejara e nunca tivera. Desde o momento em que chegaram, que se sentiram amados e acarinhados como nunca se haviam sentido. O quadro a óleo fora a primeira compra como família. A primeira *decisão* como família. Para a maioria, era a primeira vez que as suas vozes tinham importância.

Não fora pela pouco comum habilidade do artista que tinham escolhido o invulgar quadro. Fora pelo tema. Um cenário de floresta onde surgia Robin Goodfellow — o malicioso demónio-fada, conhecido nos contos populares como Puck — e seis duendes de todos os tamanhos e cores, dançando em volta de uma fogueira com liberdade e alegria absolutas.

Era a representação visual do que haviam encontrado uns nos outros. Felicidade. Amor incondicional. A capacidade de serem *maiores* do que eles próprios — uma equipa, uma família. Era a parte mais mágica. Aquele quadro era a alma deles numa tela.

Para os Wynchesters, o quadro era um retrato de família... e o seu bem mais estimado. Pertencia-lhes. Representava aquilo que eles *eram*.

— Assim que o *Puck* vier para casa, podemos livrar-nos desse querubim.

Os três olhares dirigiram-se para a lareira. Uma jarra em forma de anjo estava pousada sobre a cornija, mesmo por baixo do retângulo que marcava o local onde deveria estar *Puck & Família*.

Uma mancha em branco que condizia com o espaço vazio na sua vida, outrora ocupado por Bean.

Chloe engoliu em seco perante aquela injustiça. Dezanove anos antes, o anterior Duque de Faircliffe vendera-lhes o quadro para pagar uma das suas muitas dívidas de jogo. Depois, há já oito meses, quando de súbito quis que lho devolvessem, a família recusou. Em vez de honrar a sua anterior transação, o duque roubou o quadro e deixou aquela horrorosa jarra no seu lugar, como se aquilo pudesse compensá-los.

Nem eles, nem o velho duque puderam antecipar um acidente de carruagem que interromperia o seu regresso a casa — ou que ele sucumbiria aos ferimentos.

Quando Bean visitou o herdeiro para lhe exigir, delicadamente, que devolvesse o quadro, o recém-coroadado Duque de Faircliffe recusou-se a recebê-lo.

Como se atrevia ele a rejeitar a visita do Barão Vanderbean?! O sangue de Chloe ferveu. Mas esse não foi sequer o primeiro dos inúmeros desprezos e rejeições do novo duque. Este sempre fora demasiado arrogante e importante para reparar em quem quer que tivesse uma categoria inferior à sua, qualquer que fosse a justificação.

Mais tarde, quando Bean adoeceu com varíola, recusou-se a que os filhos entrassem no seu quarto, para não os expor à doença. Tentaram recuperar o quadro e amaldiçoaram Faircliffe, enquanto Bean enfraquecia aos poucos, sem conseguir recuperar aquele legado. Nem nessa altura, nem agora, a família Winchester conseguia obter um único segundo do tempo do novo duque. Chloe rangia os dentes.

Segundo os jornais, os meninos Wynchester nada mais eram do que órfãos recolhidos por caridade pelo falecido barão — pessoas a quem se poderia dar algum dinheiro por piedade, mas com quem ninguém falaria para discutir o que quer que fosse.

Chloe não queria saber o que ele pensava a seu respeito. Estava feliz por ser uma Wynchester. Não trocava um único momento pela vida aborrecida e conservadora da alta sociedade.

Estava habituada a ser invisível. Era o seu maior talento e, muitas vezes, a razão para o sucesso das suas missões clandestinas. Começara como um jogo.

Quando os seis irmãos eram pequenos, Bean ensinara-os a jogar às Três Coisas Impossíveis para que adquirissem capacidades e confiança. Reuniam informações, ultrapassavam barreiras e levavam a cabo feitos ousados.

Mais tarde, a sua equipa tornou-se especialista em ajudar aqueles a quem a justiça falhava. Os Wynchesters passavam sorratamente alimentos e medicamentos nas prisões, denunciavam os reformatórios e os orfanatos com práticas draconianas, localizavam libertinos que defraudavam outros por desporto, salvavam crianças e mulheres de quem os maltratava, e levavam ajuda e mantimentos aos mais necessitados. Bean ensinara-lhes que nada é impossível. Que todos mereciam o melhor da vida.

As suas missões proporcionavam-lhes aventura e um propósito. Chloe adorava circular sem ser vista, fazendo as suas boas ações debaixo do nariz de toda a gente. Mas ser esquecida de propósito era uma coisa. Ser posta de lado por crueldade era outra.

— Já não temos de implorar — anunciou Chloe. — Podemos ir roubar o quadro a Faircliffe, tal como o pai dele nos fez.

Graham serviu-se de mais um bolo e colocou-o no prato.

— E como iremos infiltrar-nos na fortaleza murada do duque? A casa dele aqui na cidade é tão fechada e segura como ele próprio. E sabemos onde guarda ele o quadro?

Chloe sorriu.

— Não é preciso. Sabemos onde vai *ficar*.

Ele pousou o bolo.

— Onde? Como?

Ela recostou-se.

— Por vezes observo os procedimentos parlamentares pelo buraquinho do sótão...

— Por vezes? — Graham revirou os olhos. — Quando te escapou um? E o que tem que ver a tua obsessão com política com a forma como conseguiremos reaver o *Puck*?

— Bem, se me deixares explicar... — Chloe roubou o bolo ao irmão e deu uma dentada num canto, mastigando com extrema lentidão antes de engolir. — Como estava a dizer, a Tommy fez-nos passar por jornalistas, o que nos permitiu entrar na galeria dos visitantes, onde nos sentámos atrás do Sr. York...

— Espera — interrompeu Graham, com os olhos castanhos a brilhar. — O Sr. York é o membro do parlamento cuja filha, segundo o boato que corre, parece ter atraído as atenções do Duque de Faircliffe?

— É mais do que um boato — observou Chloe, irritada. — Ouvimos o Faircliffe a dizer que tenciona oferecer o *Puck & Família* à Philippa, filha do Sr. York, como presente de namoro.

O rosto de Graham ficou verde de raiva.

— Oferecer o nosso quadro?! Que canalha! Não é dele, como o pode oferecer?

— Essas são as más notícias — concordou Chloe, fingindo uma expressão inocente. — As boas notícias são que o meu pseudónimo «Jane Brown» tem um convite para o círculo semanal de leitura da menina York. Conheci-a quando estive em missão naquela horrorosa escola para meninas. A Philippa estava de visita com um grupo de uma instituição de caridade e... sabem que mais? Não interessa. A parte importante é que tenho acesso à casa onde *ficará* o quadro. É a nossa oportunidade!

O irmão lançou-lhe um olhar demasiado perspicaz.

— Tu esbarraste acidentalmente com a futura prometida do Duque de Faircliffe e tens agora um convite para ir a casa dela? Isso é que foi sorte!

— Pois... sim. — Chloe ficou de súbito cativada pelo chá que bebia. — Uma coincidência muito feliz e completamente fortuita.

Claro que não foi por ter lido as mesmas colunas de mexericos que o irmão e ter querido ver por si própria que tipo de mulher atraía as atenções do Duque de Faircliffe.

Chloe havia passado por ele várias vezes — claro que o duque nem reparara ou a reconhecera, mesmo quando ela se colocara diretamente no seu caminho para exigir a devolução do quadro da família. Nem uma sílaba lhe havia escapado dos lábios e já o duque seguira em direção a algo ou a alguém que de facto lhe interessava.

Patife.

— Agora que sabemos quando e onde agir, podemos jogar e reaver o quadro. — Chloe contava pelos dedos as «Coisas Impossíveis». — Primeiro, conseguir entrar no círculo de leitura. Feito. Segundo, recuperar o *Puck & Família* assim que o Faircliffe fizer

a entrega. Terceiro, substituí-lo por uma falsificação para que ninguém suspeite. Vai tudo acontecer na quinta-feira.

Graham franziu a testa.

— Porque desejaria o Faircliffe interromper um círculo de leitura?

— Não sabe que o vai fazer. — Chloe sorriu, trocista. — Os Yorks são extraordinariamente habilidosos.

— Até um duque arrogante e mal-humorado como o Faircliffe é um partido de que vale a pena uma mulher vangloriar-se. A Sra. York há de querer testemunhas.

— Mas *nós* não queremos testemunhas — fez notar Graham. — Não seria mais seguro esbarrar no Faircliffe na rua e trocar «acidentalmente» o rolo da sua tela pelo nosso?

— De facto, sim — concordou Chloe —, se por acaso o Faircliffe se passeasse por Grosvenor Square com a tela enrolada. Mas o quadro está emoldurado e o duque chegará numa carruagem sob a vigilância do mordomo dos Yorks.

Graham ergueu a sua chávena de chá.

— Não há dedos mais leves em toda a cidade de Londres. Como tal, não tenho dúvidas de que consigas roubar a tela. E pedimos à Marjorie que faça a falsificação.

Os seis irmãos Winchester eram talentosos, cada um a seu modo. Marjorie era uma pintora extraordinária que conseguia replicar qualquer obra de arte, fazendo-a ficar igual ao original.

Chloe sorriu.

— A Marjorie já a terminou há imenso tempo. Só preciso de uma oportunidade para trocar as telas. E de uma forma de a levar disfarçadamente, sem que ninguém repare.

Chloe trocou a colher de Graham pelo garfo de Tommy enquanto pensava. Moedas e chaves eram coisas fáceis de roubar, mas uma tela enrolada era demasiado grande.

— Conseguirias atar um tubo a uma perna? — perguntou Tommy.

— Talvez, se caminhasse com muito cuidado... — ponderou Chloe, mas de seguida abanou a cabeça. — Teria de levantar as saias para atar o tubo, e ser apanhada assim seria ainda pior. Preciso de...

— Gatinhos! — Jacob, o severo irmão mais velho, entrou na sala dos projetos com um cesto inclinado nos seus braços fortes. — A maioria das damas adora gatinhos quase tanto como um bom livro. Se exibires um novo animal de estimação...

Chloe endireitou-se. Embora se percebessem vestígios de pelos agarrados ao colete rasgado e remendado de Jacob, sabia que devia ter cautela. Da última vez que o irmão entrara num aposento com um cesto, estava a tentar aprender a ser hipnotizador de serpentes. Se ela não tivesse calçado as suas botas mais fortes...

— É mesmo um gatinho que aí tens?

— Furões — admitiu, com um brilho nos olhos castanho-escuros. — Mas tenho no celeiro a solução perfeita. O *Tiglet* é o melhor de todos os gatos-correios.

— Gatos... correios? — repetiu ela com a voz fraca.

— Como os pombos, mas terrestres — explicou Jacob com toda a naturalidade. — Mais pelo, menos porcaria. O disfarce perfeito. Consegue voltar a casa de onde quer que parta. Será uma distração esplêndida. Porque onde há caos...

— Há oportunidade — terminou Tommy, com os olhos a brilhar.

Chloe ergueu um dedo.

— Primeira regra das Três Coisas Impossíveis: um plano tem de ter contingência.

Graham alegrou-se.

— Posso sugerir...

— As tuas habilidades acrobáticas inspiram admiração, meu irmão, mas não serão necessárias neste caso.

Graham baixou os ombros.

— Quando será a minha vez?

— Embora calcule que não seja necessário o truque de cavalgar um garanhão a galope — garantiu-lhe Chloe —, um cocheiro não seria de desprezar. Só para o caso de eu ter de fugir e chamar apressadamente a carruagem.

— É preferível não usar uma carruagem nossa. — Graham endireitou-se. — Não podemos arriscar que uma das nossas carruagens seja reconhecida, por isso conduzirei outra, que não possa ser relacionada com a nossa família.

Tommy inclinou a cabeça.

— Se houver uma fila de carruagens à espera das damas literatas, como irá a Chloe reconhecer a dela?

— A minha terá cortinas vermelhas... e uma luva que se possa notar bem. — Os olhos de Graham iluminaram-se. — Melhor ainda, não estarei apenas na primeira carruagem a que chegarás. Estarei no lugar do cocheiro. Assim, não há como te enganares.

— Nada de planos sem contingência. — O cabelo negro e encaracolado de Jacob pendeu para a frente enquanto espreitava para o cesto dos furões. — E se a criadação dos Yorks insistir que retires a carruagem?

Tommy bateu palmas.

— A Elizabeth distrai-os.

Quando Elizabeth falava, ninguém conseguia dizer de onde vinha a voz. Era capaz de provocar distrações em toda uma multidão. Era também exímia com uma bengala. Uma coisa ou outra fariam o que fosse necessário.

Graham voltou-se para Chloe com um ar sério.

— Se por alguma razão formos separados, vai para um local seguro. Eu encontro-te.

Ela sorriu-lhe em resposta, animada pela aventura que se perspectivava. *Puck* ia regressar, finalmente, a casa.

— O círculo de leitura terá uma tarde maravilhosa. Além do pequeno interlúdio com o *Tiglet*, o acontecimento mais memorável será a menina York a enfeitar o Duque da Arrogância.

Graham levantou um jornal.

— A aliança entre ambos será a principal notícia das colunas de escândalos. Ninguém se lembrará de mais nada. O que é mau, pois gosto sempre das conjeturas fantásticas que fazem a nosso respeito. Uma das minhas colunas preferidas diz: «Uma casa tão grande e isolada pode conter dezenas deles!»

Chloe franziu o nariz.

— Esses mexericos fazem-nos parecer *morcegos*.

— Eu gosto de morcegos. — Jacob acariciou um furão por baixo do focinho. — Os morcegos são fascinantes. Têm umbigos como os humanos e lavam-se como os gatos. Tenho 13 ali no celeiro.

— Por favor, não os deixes sair — murmurou Tommy.

— Ou oferece-os a Sua Frialdade — sugeriu Chloe.

— O Faircliffe bem os merece. — Graham afastou o jornal enquanto procurava a colher. — Sem dúvida que o interesse do duque na Philippa York é monetário. Embora ela não tenha título, possui o maior dote do mercado de casamentos. Tenho um registo.

— Pobre Philippa. — Tommy comprimiu os lábios. — Merece melhor.

Chloe concordou. Bastava Faircliffe aparecer para fazer baixar a temperatura de qualquer aposento. O homem era todo ele maçãs do rosto afiadas e comentários cortantes. Isto é, para toda a gente menos para ela. Ela era invisível diante dele. Mesmo quando se esforçava por ser vista.

Graham fez um esgar de desagrado.

— Conseguem imaginar como será estar casada com aquele bloco de gelo?

Chloe afastou a sua chávena de chá.

— Não consigo conceber pior destino.

2



Lawrence Gosling, oitavo Duque de Faircliffe, estava prestes a conseguir o que antes lhe parecera impossível: voltar a encher os cofres vazios do ducado e restaurar a sua esfarrapada reputação.

O pai vivera uma bela vida com créditos que fora incapaz de pagar. E, agora, com o insucesso das colheitas da propriedade, a situação tornara-se terrível. Se Lawrence não arranjasse uma noiva com um dote significativo antes do final da temporada, teria de mandar para a rua o último dos seus fiéis criados.

Não lhes pagaria de forma tão indigna.

Lawrence inclinou-se para a frente na sua carruagem alugada e abriu a cortina para poder falar com o cocheiro. Tal como com todos os graves erros do pai, as tentativas de Lawrence para repor o respeito e a prosperidade foram conseguidas a grande custo pessoal.

O sacrifício valia a pena.

A reputação de Lawrence era impecável, o seu desempenho no parlamento também. Naquela temporada, era o primeiro nas listas de todas as mães preocupadas com o casamento das filhas. Enquanto Lawrence vivesse, o nome de Gosling e o título de Faircliffe nunca mais seriam mencionados com desprezo. Nenhum herdeiro seu seria posto de parte, obrigado a suportar o ridículo e o isolamento.

Claro que isso só acontecia porque ninguém imaginava que a sua impecável reputação escondia uma carteira vazia. O ducado não precisava de um dote. O ducado precisava *do* dote para acabar com todos os dotes. Uma quantia assombrosa. Lawrence poderia restaurar o quase abandonado morgadio, pagar o resto das dívidas do pai e ficar com uma parte importante para investir num futuro estável.

O ducado precisava da menina Philippa York.

— A casa da esquina — ordenou Lawrence ao cocheiro.
— A das roseiras amarelas.

— Com certeza, Senhor Duque.

Utilizar uma carruagem para ir de uma ponta de Grosvenor Square à outra era uma vergonhosa exibição de pretensão e excesso... e a razão pela qual os pais da menina York viam com bons olhos o namoro entre Lawrence e a filha.

Embora tivesse vendido nessa manhã a última carruagem que lhe restava — e até os seus premiados cavalos cinzentos —, Lawrence alugara aquela para manter as aparências.

O Sr. York era um dos mais poderosos membros da Câmara do Comuns. A Sra. York era amiga íntima de uma das patrocinadoras do Almack's. Tinham riqueza, estatuto e tudo o mais que pudessem desejar. Exceto um título.

Depois do casamento, a filha dos Yorks seria duquesa, o neto o futuro duque. Para eles, um golpe tão espantoso seria mais do que merecedor de qualquer dote exigido.

Para ele, significava uma nova página. O Conde de Southerby procurava sócios para uma oportunidade de investimento com taxas de juro muito atraentes — *se* Lawrence contribuísse com a sua parte antes de o conde sair de Londres no final da temporada. Não se tratava de uma aposta para dar nas vistas, do tipo das que o seu pai fizera nos clubes de cavalheiros, mas os juros firmes e o lucro futuro oferecer-lhe-iam uma base forte para os anos vindouros.

Para Lawrence, o casamento com a respeitável menina York significava muito mais do que estabilidade financeira. Os seus filhos poderiam ser *crianças*, sem medo da troça ou da pobreza. Os seus filhos e filhas teriam a oportunidade — não, o *direito* — de serem felizes.

Todos o mereciam, incluindo a menina York. Lawrence não podia dar-se ao luxo de lhe fazer a corte durante toda a temporada, mas poderia dar-lhe umas semanas para que ela o conhecesse antes do noivado.

Estendeu o braço para o quadro emoldurado do assento em frente.

— Assim que o trânsito o permita, desço na última casa. Não devo demorar mais de meia hora.

Porém, as carruagens que enchiam o lado da praça em que moravam os Yorks não se moviam. A fila parecia parada à espera de passageiros. Um dos vizinhos dos Yorks devia ter convidados para o chá.

Lawrence fez um esgar de desgosto. Odiava chá. Preferia beber água do Tamisa.

— Pare aqui. — Levou a mão à porta. — Siga até à frente da fila, para que eu saiba onde está quando regressar.

O cocheiro anuiu e deixou que a cortina caísse.

Apesar de residirem em lados opostos de Grosvenor Square, aquela era a primeira visita que fazia à residência dos Yorks. Os tijolos de um vermelho quente e as colunas pintadas de branco da impecável casa brilhavam, imaculadamente limpos. As janelas cintilavam ao sol, refletindo o azul-anil do céu primaveril e a relva bem aparada da praça.

Erguendo firmemente o queixo, o duque caminhou pelo passeio em direção ao caminho da entrada, e fê-lo da forma mais elegante possível para alguém que transportava debaixo do braço um pesado quadro emoldurado envolvido em papel.

Lawrence poderia ter trazido o último criado que lhe restava para transportar o quadro, mas esperava que, ao mostrar um esforço pessoal, isso acrescentasse um toque de romance àquele presente tão invulgar. Não o teria escolhido, mas o importante era dar à sua futura prometida uma coisa de que *ela* gostasse.

A finalidade do casamento fazia-lhe arrepisar a pele tanto de nervosismo quanto de emoção. Dentro de duas semanas, quando o contrato fosse assinado, ele e a menina York ficariam ligados um ao outro. Sentia as palmas das mãos húmidas. Seria uma loucura esperar que aquela união fosse agradável?

Endireitou-se. Como acontecia com todos os deveres, uma pessoa fazia o que tinha de ser feito.

Abriam-lhe a porta assim que tocou no batente. Lawrence apresentou imediatamente o seu cartão.

— Senhor Duque — disse o mordomo. — Entre, por favor. Deseja que toque para que alguém leve a sua encomenda?

— Eu mesmo a entrego. — Lawrence transpôs o limiar à espera dos seus anfitriões.

Ele e o Sr. York tinham-se conhecido na Câmara dos Comuns e desfrutado de acesos debates durante quase uma década. No ano anterior, após a morte prematura do pai, Lawrence passara da Câmara dos Comuns para a Câmara dos Lordes. Uma sociedade com o Sr. York garantiria aliados vitais nas duas câmaras.

Tudo o que tinha de fazer era manter-se completamente irrepreensível até à leitura dos banhos. Assim que a menina York casasse com ele, o dote salvaria o ducado e garantiria um futuro melhor para a sua família e os seus rendeiros.

O plano tinha de resultar; era a única oportunidade de Lawrence.

A Sra. York aproximou-se dele com as mãos apertadas no peito, como se reprimisse fisicamente um grito de emoção.

— Que prazer receber Vossa Graça!

De uma porta aberta, a meio do corredor em frente, saía o som inconfundível de vozes femininas.

Lawrence sentiu a pele a gelar. Aquele deveria ser um encontro *privado*. Detestava surpresas e não tinha jeito para conversas improvisadas. Distinguia-se no parlamento porque preparava os discursos antecipadamente — tal como fizera para a visita desse dia à menina York e aos pais.

Interagir com pessoas inesperadas iria atrapalhá-lo nas suas muito ensaiadas conversas. Não avançou.

— Terei trocado as datas? — perguntou, com cautela.

— Não, nada disso. Pontual, como sempre. — O Sr. York aproximou-se para se juntar à mulher. — O Senhor Duque é um homem que cumpre os seus deveres. Uma qualidade maravilhosa, devo dizer. Não a herdou do seu pai.

— Eh... obrigado. Desejaria não me parecer com ele em coisa alguma.

— Tem razão, toda a razão. Os discursos parlamentares de Vossa Graça rivalizam com os de Fox e Pitt. Por outro lado, o seu pai raramente saía do clube... ou abandonava a bebida. De facto, muitos dizem... — O Sr. York tossiu e deu uma pancada jovial no ombro de Lawrence. — Mas não será o momento para estas conversas, não é verdade, meu rapaz?

Lawrence esboçou um sorriso afável. Pelo menos, esperava que fosse isso que o seu rosto exibisse. A cada dia tinha mais consciência de que o nome Gosling vacilava no limite da respeitabilidade. A insinuação que o Sr. York não completara fora evidente: ainda havia quem dissesse que os duques de Faircliffe eram uma praga na sociedade.

Duque ou não, nada era certo até o contrato estar assinado.

— É uma grande honra para nós, Senhor Duque — declarou a Sra. York, emocionada e impaciente. — É esse o presente especial para a Philippa? Venha. Tem de lho mostrar imediatamente.

— Admito que não imagino que beleza possa ela ver nesse quadro — murmurou o Sr. York.

Lawrence agarrou na moldura com um pouco mais de força. Duendes a dançar eram um tema invulgar. Não compreendia por que razão alguém o desejaria.

E se, depois de nova observação, a jovem se apercebesse de que exprimira admiração por uma «arte» questionável e se risse na sua cara quando lhe oferecesse o presente? A oportunidade de lhe dar um artigo que já possuía parecera-lhe um feliz acaso. Agora receava que o presságio não fosse positivo. As suas veias murmuravam de pânico.

— Creio que a menina York tem convidados. — Agarrou na moldura. — Voltarei numa altura em que não interrompa.

— Que tolice. — A Sra. York apertou os dedos em redor do cotovelo de Lawrence e quase o arrastou pelo corredor. — São apenas algumas das suas amigas literatas. Tenho a certeza de que gostarão de ver o que Vossa Graça trouxe para oferecer à Philippa.

Pois... era exatamente isso que ele receava.

Mas agora não podia recuar. A palavra do pai não valia de nada, mas Lawrence cumprira todas as promessas feitas nos seus 32 anos. A menina York gostava do quadro e ele prometera oferecer-lho. Naquele dia. Àquela hora. Não tinha outro remédio senão avançar.

Além disso, «algumas amigas literatas» não era propriamente uma caverna de leões... ou seria?

— Philippa, minha querida, vê quem chegou! — exclamou quase a cantarolar a Sra. York quando entraram no salão.

O aposento era enorme, com assentos para cerca de duas dezenas de convidados, e todas as cadeiras estavam ocupadas.

Lawrence conseguia sentir o peso de tantos olhares a aterram sobre si ao mesmo tempo. Não reconhecia metade — talvez fossem as «literatas» —, mas a outra metade era constituída por rostos familiares da alta sociedade. Engoliu em seco. Não precisava apenas de impressionar a menina York e os seus pais; precisava de enfeitiçar uma sala inteira.

Se ao menos influenciar um salão cheio de mulheres fosse tão fácil como debater as reformas dos direitos alfandegários e impostos em Westminster com uma centena de pares... Era pouco provável que conseguisse ganhar quaisquer pontos se citasse as últimas conclusões da comissão.

Lawrence decidiu não reconhecer nenhuma. A situação era muito delicada, e a possibilidade de erro demasiado alta. Lapsos como sorrir ou ignorar a jovem errada. Daria toda a sua atenção à menina York, o que poderia ser interpretado como romântico, não? Aqui estava ele com um presente para a cortejar, um cavaleiro empunhando uma tapeçaria de demónios dançantes para a sua bela dama.

Por seu lado, a menina York estava coberta pelos seus habituais metros de renda volumosa. Apenas as suas faces rosadas e mãos com covinhas surgiam da espuma delicada, dando-lhe a aparência de uma boneca viva.

A sua expressão eternamente vaga tornava a semelhança sinistra.

— Menina York — começou Lawrence, mas fez uma pausa. Não podia beijar-lhe a mão com um quadro debaixo do braço, e, colocando-o no chão, arriscava-se a causar danos. Uma vénia seria também um gesto desajeitado. Teria de saltar essas delicadezas e socorrer-se imediatamente do romantismo. — Trouxe-lhe uma humilde prova da minha admiração.

— Oh! — exclamou uma das amigas. — O que será?

— Um quadro de que a minha mãe pensou que eu poderia gostar. Foi ela que o informou. — A menina York apontou para um espaço vazio na parede. — Tenciona pendurá-lo ali.

Ora então ela não estava impressionada com o presente. Mesmo assim, Lawrence esforçou-se por sorrir.

A menina York não correspondeu ao sorriso.

Os murmúrios fervilhavam no resto da sala.

— Será um casamento por amor?

— Por que outra razão casaria ele com alguém inferior? O meu pai é marquês.

— Então? Estavas à espera de que ele te trouxesse o presente?

— Achas que ela o ama?

— Quem consegue dizer o que ela está a pensar? Nem posso esperar para ver a obra de arte que ele lhe trouxe.

Lawrence sentiu-se enrubescer.

Sim, a menina York ia casar com ele pelo título. Sim, ele precisava do dote dela, mas não tinha de ser apenas isso tudo o que partilhavam. Até um casamento de conveniência podia funcionar com um pouco de esforço.

Mas primeiro tinha de se ver livre daquele maldito quadro.

— Alguém pode tocar para que nos tragam uma tesoura? — perguntou com delicadeza.

— Aqui está! — exclamou a Sra. York, emocionada.

Dois laçaios de cabeleira, de altura idêntica e libré elegante, deslizaram no aposento e aliviaram Lawrence do peso da tela.

O duque teria então oportunidade de beijar a mão da menina York, mas, antes de o poder fazer, uma criada entregou-lhe uma afiada tesoura de metal.

A menina York pôs-se de pé, com um restolhar de rendas.

O salão foi de novo percorrido por uma onda de murmúrios. Lawrence arriscou olhar para trás.

Todos os olhares estavam fixos na menina York... exceto os de uma pessoa. Foi então atraído pelos olhos castanhos de uma mulher que não parecia curiosa acerca do presente. A sua expressão desconcertante e intensa era perspicaz, como se pudesse ver através do papel castanho do embrulho, das camadas meticulosamente cortadas do seu vestuário, e mesmo através *dele*, parecendo

capaz de perceber o nervosismo e desespero que ele sentia. Mas ela não afastou o olhar. Pelo contrário, pareceu fitá-lo de uma forma mais arguta, como se o tivesse despido e ainda quisesse ver mais.

Ele sentiu a garganta seca. Tentou engolir. Uma estranha sensação subiu-lhe pela coluna, como se as pontas dos dedos dela lhe tivessem tocado na pele.

Voltou-se imediatamente para a menina York. A entrega do presente já se alongara o suficiente. Se ela não cortasse rapidamente o papel, Lawrence rasgá-lo-ia com as próprias mãos, faria uma reverência e escapar-se-ia para a carruagem que o aguardava, antes de ser obrigado a continuar aquela atuação com chá e conversa de circunstância.

— Terei todo o prazer em que faça as honras — murmurou.

A menina York cortou o papel como se pouco interesse tivesse em salvar a arte que se encontrava por baixo.

Afastado o papel, o quadro ficou exposto. Uma exclamação abafada percorreu as convidadas. Lawrence não se apercebeu se fora pelo romantismo do gesto ou por o tema apresentar uma família de maliciosos duendes.

— Muito agradecida — disse a menina York. — É muita gentileza sua.

Estaria encantada? Aborrecida? Não parecia perturbada nem em perigo de desfalecer. Ele dera-lhe o presente. Ela recebera o presente. Ponto final.

Lawrence sentia-se mais uma vez a enrubescer. Disse para consigo que apreciava a sua falta de dramatismo. Depois do dote, a qualidade que mais apreciava nela era a previsibilidade. Uma mulher como a menina York nunca enlamearia com um escândalo o título de Faircliffe. Era exatamente aquilo de que ele precisava: nada de embaraços ou surpresas.

A Sra. York explodiu num ruidoso aplauso.

— Viva!

Todos no salão a imitaram. Todos, isto é, exceto a menina York e a jovem estranhamente intensa com um meio sorriso trocista.

Aquele olhar perturbador continuou a persegui-lo, como se ela pudesse ouvir cada ruidosa batida do seu coração e sentir cada leve respiração do outro lado do aposento. Não gostou de modo algum

do que sentia. Apesar de o salão estar cheio de gente, o olhar dela parecia estranhamente íntimo e demasiado perspicaz.

— Assim que o quadro estiver pendurado — disse a Sra. York —, passaremos à sala de jantar para tomarmos descansadamente um belo chá.

Deus do céu! Tudo menos isso. Além do desagrado que sentia pelo chá, Lawrence não poderia fazer devidamente a corte enquanto se esquivava ao inquietante olhar da mulher dos belos olhos castanhos. Mesmo agora, pensava nela, em vez de se concentrar na menina York. Não podia ser. Assim que pendurassem o quadro, Lawrence sairia porta fora para o santuário da sua carruagem.

Seria bom que o cocheiro estivesse pronto a voar dali para fora.

3



Chloe cruzou as mãos no colo e fez os possíveis para não olhar intensamente para o belo e ativo Duque de Faircliffe. Tudo teria sido muito mais fácil se Faircliffe tivesse simplesmente devolvido o quadro. Mas dirigir-se diretamente a Sua Arrogância não resultara. Chloe e os irmãos haviam implorado durante meses, em inúmeras cartas enviadas para casa dele e em dezenas de tentativas humilhantes para se lhe dirigirem pessoalmente.

Sua Irritante Altevez era demasiado superior para ver onde estava a razão... ou para olhar para gente do povo, como era o caso dos irmãos Winchester.

Os seus gélidos olhos azuis pousaram em Chloe — e rapidamente se desviaram, sem ter visto o que quer que fosse que lhe despertasse interesse.

Quantas vezes se teriam cruzado os caminhos dela e de Faircliffe? Hyde Park, Berkeley Square, Westminster. Os olhares desdenhosos que lhe lançava continuavam a ser indiferentes. Chloe ergueu o queixo. Bean ensinara-a a fazer aquilo para a pessoa certa, de modo a tornar-se visível e memorável. Faircliffe não era, claramente, a pessoa certa.

Não que quisesse que ele reparasse nela, recordou a si própria. O sucesso contínuo de «Jane Brown» dependia da sua misteriosa capacidade de conseguir passar completamente despercebida em

qualquer circunstância. Ela agarrou na musselina macia da sua saia. Tommy podia ser um génio ímpar do disfarce, mas Chloe nada precisava de fazer para que ninguém desse por ela ou a esquecesse de imediato.

Possuía um daqueles rostos que era familiar, mas, ao mesmo tempo, demasiado vulgar para se distinguir numa multidão. Não era alta nem baixa, nem feia nem bonita. Nada nela sobressaía.

A sua pele não era de alabastro como a de Philippa York nem cor de bronze dourado como a do seu irmão Graham. Não era magra e esguia como Tommy, nem agradavelmente roliça como Elizabeth. O seu cabelo castanho e liso não era linho fiado como o de Marjorie, nem fora abençoado com brilhantes caracóis negros como o de Jacob. Chloe era neutra e vulgar, sem o mínimo sinal que acrescentasse uma marca de interesse.

Estava apenas... ali, como uma partícula de pó num feixe de luz.

A sua perpétua insignificância ajudara-a em várias dificuldades. Chloe nunca admitiria o quanto desejava ver, pelo menos uma vez, uma centelha de reconhecimento refletida no olhar de alguém.

Não que tivesse grandes expetativas em relação a Faircliffe. Que tipo de homem presumido e insensível oferecia despreocupadamente um quadro *que não lhe pertencia* como presente de namoro?

Não se poderia confiar nem argumentar com um vilão assim. O duque tivera a oportunidade de tratar honradamente das coisas. Chloe não lhe imploraria que devolvesse quadro. Aquele traste traiçoeiro e arrogante *merecia* que lho arrancassem das próprias mãos.

Chloe abriu os dedos com dificuldade e cruzou-os no colo.
Em breve.

— Os nossos eternos agradecimentos por um presente tão encantador — arrulhou a Sra. York, num tom suficientemente elevado para ser ouvida por todos os convidados e, se possível, também pelos vizinhos. — A Philippa está encantada.

Philippa não parecia encantada. Nem sequer satisfeita. Mantinha a mesma expressão de *estou aqui porque tem de ser* que mostrava em todos os acontecimentos sociais, salvo as breves ocasiões em que a mãe saía do seu lado e o círculo de leitura podia de facto falar de livros. Chloe imaginava-a muito mais interessada na famosa biblioteca do duque do que no próprio homem.

Afinal, Faircliffe também não parecia particularmente enamorado. Um homem apaixonado teria conseguido um presente mais adequado à sua futura noiva.

— Estou-lhe grata — murmurou Philippa.

O duque pareceu satisfeito consigo próprio.

— O prazer foi todo meu.

Chloe olhou-o furiosa, em nome de todas as mulheres que desejavam mais do que gestos simbólicos de falsa afeição.

Mas homens como Faircliffe não desperdiçavam o seu tempo com assuntos do coração. Lordes e damas — ou aqueles que aspiravam a sê-lo — escolhiam as uniões de forma fria e prática. Tinham as mentes turvas, não com emoções, mas com visões de títulos, dotes, propriedades e influências sociais.

Chloe estava encantada por não pertencer a um mundo assim.

A Sra. York bateu palmas.

— E agora... um chá comemorativo!

O rosto do duque exibiu uma cómica expressão de susto.

— Não creio...

— Tem de ficar! — As mãos da Sra. York batiam como as asas de um pássaro assustado. — As senhoras vão poder provar bolinhos de aveia e sanduíches de pepino...

— Poderíamos discutir a estrutura epistolar dos romances franceses do século XVIII — murmurou Philippa.

— Não quero interromper — apressou-se Faircliffe a dizer.

— Não posso ficar e, de facto...

— Que tolice! Venha, venham todos. — A Sra. York agitava os braços para abarcar o salão, conduzindo os convidados para a sala de jantar, como um pastor a conduzir o seu rebanho.

Faircliffe e Chloe foram ambos apanhados na corrente.

Porém, assim que passaram a porta, Chloe afastou-se para o lado. Não podia sentar-se à mesa, ou ficaria lá presa durante uma hora.

Enquanto todos os outros estivessem ocupados, aquela seria a sua oportunidade de libertar o seu amado *Puck*. Mas primeiro precisava de uma desculpa para desaparecer. Uma razão adorável e felpuda.

Libertou *Tiglet* do grande cesto de verga. O gato fugiu a correr por entre botas e por baixo de saíotes com um formidável rugido.

A Sra. York reagiu com um grito dramático.

Tiglet trepou por várias cortinas em busca de uma janela aberta, antes de fugir da sala de jantar e de voar pelo corredor como se tivesse a cauda a arder.

Chloe soltou uma exclamação abafada, fingindo-se chocada por o seu «gatinho-correio» tentar fugir para casa.

— Que vergonha! Vou já tentar encontrar aquele atrevido. Continuem. Por favor, não esperem por mim.

Philippa olhou-a do seu lugar à mesa.

— Podia ajudar...

— Sente-se já! — sussurrou a mãe. — O duque está aqui.

Philippa suspirou.

— Pelo menos podíamos tocar para que uma criada ou um laçaoio...

— Não há qualquer problema — garantiu Chloe. — Por favor, mande servir o chá.

Lançando um olhar cheio de significado à Sra. York, Chloe fez alguns gestos pouco subtis com a cabeça, indicando o Duque de Faircliffé, que se demorava de modo perceptível, como se tivesse relutância em tomar o seu lugar à mesa.

— Oh! — exclamou a Sra. York em voz alta. — Tem toda a razão. Vá, sim, minha querida. Esteja à vontade. Por aqui, Senhor Duque. Venha sentar-se junto da Philippa. Guardámo-lhe o melhor lugar.

— Já conhece estas senhoras? — Philippa apontou para cada uma das jovens, enquanto se sentava à mesa. — À minha esquerda está...

Chloe saiu sorrateiramente da sala ao som das censuras que a Sra. York dirigia à filha por esta não respeitar a ordem de precedência nas apresentações. Chloe poderia ausentar-se uma hora antes de alguém dar pela sua falta.

Precisaria apenas de cinco minutos. Com o cesto pendurado no braço, entrou na sala e fechou a porta atrás de si. Um gancho de cabelo partido dentro da fechadura impediria que alguém entrasse atrás de si, mas também tornaria óbvio que um crime estava a ter lugar. Teria simplesmente de agir depressa.

Não fazia sentido procurar o gato. Pelos e lamentáveis marcas de patas numa cortina de veludo indicavam que *Tiglet* já encontrara uma janela aberta e estava a caminho de casa.

Chloe apressou-se a retirar da parede o quadro da família e a levá-lo para trás do biombo chinês que se encontrava a um canto. Nem pensar em cortar a tela para a retirar. O substituto deveria ser idêntico ao original e, além disso, ela nunca danificaria um objeto que tanto significava para os seus irmãos. Voltou rapidamente a moldura e retirou os seus instrumentos do cesto.

Marjorie ensinara Chloe a montar e desmontar telas, até os seus dedos estarem calejados e ela poder realizar a manobra de olhos fechados. Retiradas as garras, a proteção soltou-se, e com ela *Puck & Família*. Transformou a tela num rolo com as dimensões do seu antebraço e guardou-a no cesto antes de estender a falsificação sobre a moldura de madeira.

Essa era a parte mais difícil. Não havia maneira de pregar a tela sem martelar as garras. Deveria fazê-lo em silêncio. Bastaria colocar uma garra de cada lado e alinhar cada uma delas perfeitamente com os orifícios de onde haviam saído... Pronto! Apressou-se a repor o quadro na parede.

Desde que ele ali ficasse, ninguém se aperceberia das imperfeições da falsificação. E se um dia alguém reparasse, bem, Chloe nada teria que ver com o assunto. Seria Faircliffe quem teria de explicar.

Não o lamentava de forma alguma. O quadro não era dele e, como tal, nunca o deveria ter oferecido. Só por isso, nunca lhe perdoaria.

Correu a abrir a porta do salão, antes que alguém reparasse que estivera fechada, e atravessou a sala de jantar até à porta da rua, sem se despedir dos convidados. A essa hora, Faircliffe e Philippa estariam a trocar palavras de amor, com todas as outras damas suspensas em cada frase pronunciada.

Alguém se aperceberia de que ela não regressara? Duvidava. Quando muito, as damas concluiriam que, mortificada, «Jane Brown» se retirara furtivamente.

Sentiu um formigueiro na garganta. Nunca saberia o que as outras damas pensavam do romance atual, mas Chloe não

precisava de círculos de leitura. Era uma Wynchester. Tinham-se uns aos outros, o que era mais do que suficiente.

Mantendo a cabeça baixa, dirigiu-se para o passeio fronteiro, em direção à primeira carruagem da fila. Só quando reparou nas cortinas vermelhas e no par de luvas de cabedal sobre a boleia é que ergueu a cabeça em direção ao banco do cocheiro.

Estava vazio.

Sentiu um aperto no peito. Onde estaria Graham?

Gritos distantes chegaram-lhe aos ouvidos, e os seus músculos tenso relaxaram. Algo inesperado devia ter acontecido, e a distração planeada pelos irmãos estava a decorrer.

Era a sua deixa para fugir.

Chloe empurrou o cesto para o assento, soltou a carruagem do poste e saltou lá para o lugar do cocheiro. Mulheres que conduziam carruagens não abundavam, mas existiam. De qualquer forma, estava contente por nunca sair sem envergar os trajes mais simples, desinteressantes e pouco elegantes do seu guarda-vestidos. Ninguém que tivesse olhado na sua direção se daria ao incómodo de a observar por muito tempo.

Conduziu rapidamente os cavalos para fora de Mayfair.

Só quando Grosvenor Square já não era visível atrás de si, se permitiu um pequeno sorriso de vitória.

O querido retrato de família estava de regresso a casa. Assim que entrou por aquela porta erguendo o quadro bem alto...

— Escapámo-nos? — perguntou uma voz baixa e aveludada de dentro da carruagem.

Chloe sentiu a sua pele a gelar. Quem seria? Graham não se esconderia na carruagem. Estava um desconhecido ali dentro! Voltou-se e afastou a cortina para o lado.

Um rosto bem-parecido, com cabelo castanho e macio, e maçãs do rosto esculpidas, olhou para ela com os seus glaciais olhos azuis muito abertos de surpresa.

— Faircliffe? — exclamou ela, incrédula.

— Menina... a... a menina? — gaguejou ele, quando conseguiu falar. — Mas que diabo está a fazer dentro da minha carruagem?



Chloe fechou a cortina na cara ofendida de Faircliffe e voltou-se para os cavalos.

Não, não, não. Aquilo não podia estar a acontecer. Estivera tão perto de completar uma missão perfeita, sem que ninguém desse por isso, até... raptar acidentalmente um duque enquanto a cumpria? O sangue latejava-lhe nos ouvidos. Mas que raio deveria fazer agora?!

Faircliffe abriu a cortina com força.

Ela não se voltou.

— Pare a carruagem! — O tom imperioso do duque provocou-lhe um arrepio na espinha.

Chloe obrigou os cavalos a andarem mais depressa.

E pensar que se gabara aos irmãos de que da próxima vez que visse Faircliffe o ignoraria. Afinal, transportava-o pela cidade como se fosse um cocheiro perdido de bêbedo. Por fim, saíram de Mayfair, o que já era alguma coisa. Mas teriam de sair da estrada antes que alguém reparasse que o conhecido orador da Câmara dos Lordes tinha, qual fantoche, a cabeça de fora da janela de uma carruagem, conduzida por uma mulher indiscreta.

— Exijo que pare imediatamente a carruagem! — vociferou o duque numa voz de trovão.

Chloe fez uma viragem rápida para uma ruela estreita. Uma das estalagens que a família usava como porto seguro ficava perto. A proprietária era bem paga para não fazer perguntas. Chloe podia saltar da carruagem e escapulir-se pela cozinha através da porta da lavandaria, antes que o duque conseguisse sair atabalhoadamente da carruagem.

O duque nunca sairia *atabalhoadamente*. Pelo menos, não um aristocrata digno como Faircliffe. Movimentava-se com uma precisão rígida e austera — a estátua de um deus que ganhara vida. Era tão inteligente como Apolo, tão interdito como Baco, tão perigoso como Ares.

Onde quer que ela o visse, conseguia parecer completamente majestoso e, ao mesmo tempo, extremamente desconfortável na sua própria pele — como se uma grande profecia tivesse sido lançada sobre ele e não lhe agradasse o que o futuro lhe reservava.

Mas hoje era Chloe quem segurava as rédeas. Só ela lhe determinava o caminho.

O rápido batimento do seu coração devia-se à surpresa de o ter encontrado atrás de si, e não à proximidade ou ao modo como sentia, na coluna e na nuca, a energia que irradiava do corpo dele. O duque era um problema, e tratá-lo-ia como tal.

— Estou a avisá-la — começou Faircliffe a dizer. — A senhora não roubou apenas a minha carruagem; levou também a minha pessoa! Sabe o que acontece a... Espere um minuto. — As palavras dele eram lentas e cada vez mais determinadas. — Isto não é um roubo, pois não? Estou a perceber o seu jogo. A senhora não deseja raptar-me. Quer comprometer-me. É uma vulgar alpinista social, que deseja obter um casamento vantajoso por meios perversos!

Aquela presunçosa certeza numa conclusão tão hilarantemente incorreta fez com que Chloe desejasse que *Tiglet* ainda estivesse no cesto para o poder atirar a Faircliffe.

No parlamento, o duque parecia habituado a ser a pessoa mais inteligente da sala, o que lhe dava a irritante tendência para concluir que outros não conseguiam acompanhá-lo. Mas, neste caso, a sua arrogância era uma vantagem para Chloe. Se ele queria acreditar que ela era uma debutante tola que usava um estratagema para apanhar um duque «fosse de que maneira fosse», tudo bem.

— Como descobriu? — balbuciou ela, injetando um pouco de mortificação ao seu tom de voz.

Agora que lhe roubara o quadro e o substituíra por uma falsificação, não podia deixar que ele suspeitasse da sua fuga. Desaparecer com um ótimo partido era um alibi muito melhor.

Ele soltou uma exclamação de desdém.

— A única razão para uma jovem respeitável orquestrar um encontro privado com um lorde é querer obrigá-lo a levá-la ao altar. O que mais poderia ser?

De facto, o que mais? Chloe meteu os cavalos por outra ruela das traseiras. Se o mercado matrimonial era uma coisa assim tão horrível, estava, mais do que nunca, grata por não ter nascido na aristocracia.

— Então? — dizia atrás dela a voz aveludada do duque. — Não me vai dizer o seu nome?

— Chamo-me... *Jane Brown*.

Porém, não precisava desse pseudónimo. No cesto ao seu lado tinha o quadro que deveria ter sido devolvido havia muito, se o todo-poderoso Duque de Faircliffe se tivesse dignado a responder aos rogos da família ou dado atenção à tentativa de lhe ser concedida uma audiência.

Agora que nunca mais precisaria de se humilhar, aparecendo no caminho dele apenas para ser posta de lado, não lhe importava que ele soubesse o seu verdadeiro nome. Melhor ainda, *desejava* que ele o soubesse. Apesar de todos os esforços para o evitar, o duque estava preso numa carruagem com uma Wynchester. *Ah! E esta, Senhor Duque?*

Não se deu ao trabalho de esconder o seu sorriso trocista.

— Chamo-me Chloe Wynchester.

A exclamação aguda de puro horror que saiu da garganta de Faircliffe deveria ter sido divertida. Porém, foi um insulto e uma ofensa. Chloe agarrou as rédeas e concentrou-se em chegar à estalagem O Gato & O Ganso o mais depressa possível. Assim que se visse livre do duque, os seus caminhos e os de Sua Alteza todo-poderosa nunca mais precisariam de se cruzar.

— Chloe *Wynchester* — murmurou ele, como se julgasse que, se não pronunciasse em voz alta o nome dela, talvez não fosse

verdade. O seu gemido irritou-a. — Porque não poderia ter sido a menina Honoria?

Oh, era difícil dizer. Talvez porque Honoria, alegada filha do Barão Vanderbean, era outra mentira.

Para oferecer aos seus pupilos, que considerava família, uma ligação duradoura com o *beau monde*, o barão criara um herdeiro e uma herdeira fictícios, que apenas existiam no papel. Ninguém examinava muito de perto os senhores abastados de nações longínquas. A casa e grande parte da fortuna pertenciam agora a «Horace Wynchester», um recluso excêntrico como o pai, que preferia tratar de todos os negócios pelo correio. Qualquer um dos irmãos sabia fazer perfeitamente a «assinatura» do barão.

Um dos muitos segredos que ela nunca partilharia com o Duque de Faircliffe.

— As minhas desculpas por não ser a minha irmã *melhor* — exclamou Chloe, irritada.

Uma pausa mortificadora.

— Peço desculpa. Não quis...

— *Quis* — respondeu ela, num tom amargo.

Só por isso, Faircliffe merecia ficar noivo de uma criação da imaginação coletiva da alta sociedade. Afinal, a Sua Graça pouco importava a *pessoa* com quem ia casar. Estava apenas interessado em sangue nobre, num belo dote e em ligações sociais superiores.

Para ele, esses elementos tornavam Honoria muito melhor do que Chloe, sem que a tivesse sequer visto, independentemente da sua inteligência ou caráter. Honoria era legítima e de boas famílias. Chloe era uma órfã encontrada em Whitechapel. Aos olhos de Faircliffe, alguém que fora desprezada em criança não devia pertencer a um círculo de leitura, muito menos confraternizar com a alta sociedade. Embora Bean tivesse garantido a apresentação dos seus filhos adotivos à sociedade, não podia obrigá-la a aceitá-los.

— Já chegámos. — Obrigou os cavalos a parar.

Uma ruga surgiu na testa perfeita de Faircliffe.

— Chegámos onde?

A uma humilde estalagem que o duque e os seus semelhantes nunca frequentariam.

Em vez de responder, Chloe saltou do banco do cocheiro com o cesto na mão e atirou as rédeas para um poste.

— Espere — chamou-a, obviamente assustado. — Aonde vai?

— Arrepender-me da ingenuidade que me conduziu a este momento — replicou Chloe, muito séria. — Peço as minhas desculpas a Vossa Graça; tinha razão, como sempre e em todas as coisas. O comprometimento não é maneira de garantir um marido. Reconheço o meu erro. Vossa Graça é livre de regressar a casa, sem precisar de casar comigo — disse, e acenou com a mão. — Com sorte, nunca mais nos veremos. E aqui me despeço.

— Menina Wynchester...

Mas ela já caminhava, corria, *voava* pelas escadas de O Gato & O Ganso. Fugiria pela porta das traseiras com a sua preciosa tela, enquanto ele regressaria à elegante zona de Mayfair...

— Porque veio aqui? — A voz dele soava mesmo atrás dela.

Chloe parou e deu meia-volta, assustada. Seria tolo?!

Faircliffe não fugira conforme ela esperara. Encontrava-se na receção de O Gato & O Ganso com um ar imponente... e perfeitamente confuso.

— A menina aluga quartos? — Olhou em volta para a humilde estalagem com evidente desagrado. — Pensei que vivesse na propriedade do Barão Vanderbean. Aconteceu alguma coisa? Está com algum problema?

Deus a salvasse das boas intenções de homens demasiado prestáveis!

A Sra. Halberstam, proprietária da estalagem, entrou de rompante na receção.

— Oh! — Os olhos iluminaram-se-lhe. — Será...

— Um quarto, por favor — interrompeu Chloe, antes que a Sra. Halberstam pudesse fazer perguntas a que seria melhor não responder. — Para uma mulher só, sem visitas.

«Sem visitas» era o código que significava que quem a acompanhava não era de confiança.

— Com certeza, menina. — A Sra. Halberstam entregou a Chloe um lápis para escrever no livro de hóspedes, como se se tratasse apenas de uma transação rotineira. — Assine aqui, por favor. Prefere com janela para oriente ou ocidente?

«Oriente» significava que tudo estava bem. «Ocidente» significava que era preciso enviar um recado à família de Chloe.

Ela esboçou um sorriso meigo.

— Ocidente, por favor.

A Sra. Halberstam entregou-lhe uma chave e murmurou: «Número quatro».

Perfeito. Chloe fechou os dedos sobre a chave. Bastava-lhe agora subir um único lanço de escadas, fechar-se em segurança no quarto e esperar que a viessem socorrer. A esta hora, já Graham se teria apercebido do que acontecera. Provavelmente iria ali ter, antes de o recado chegar a casa.

Voltou-se para Faircliffe com a sua melhor expressão de absoluto constrangimento.

— Peço as minhas desculpas por me ter apropriado do tempo de Vossa Graça. Não lhe quero ocupar nem mais um minuto.

Antes que ele pudesse responder, Chloe apressou-se a subir a escada até ao primeiro andar, onde ficaria em liberdade.

Quando abriu a porta do quarto, já ele se encontrava atrás de si.

— Perdoe a minha observação — disse Chloe, delicadamente.

— Mas, se Vossa Graça estava preocupado com o facto de estarmos juntos numa carruagem, numa rua pública, o poder comprometer, posso fazer-lhe notar que entrar voluntariamente num quarto privado na presença de uma Wynchester sem acompanhante...

— Peço desculpa se a insultei. — O maldito parecia falar a sério com aqueles olhos sentimentais. — Permita que lhe chame uma tipoia.

Ela ergueu a chave do quarto.

— Não, obrigada. Estou com uma enxaqueca insuportável e não consigo descansar em casa porque estamos a fazer obras. Vou deitar-me aqui sozinha durante uma ou duas horas e vou-me embora assim que melhorar.

— Então mandar-lhe-ei uma criada para a acompanhar — disse ele com firmeza. — E um laçao para a escoltar. As suas ações foram irrefletidas e imprudentes, mas quero que chegue a casa em segurança.

Chloe evitou retorquir. A única razão pela qual ele não faria queixa era por acreditar que ela era uma menina ingénua, incapaz

de refletir sobre as suas ações. Teria de permitir que continuasse a pensar assim.

— É muita bondade sua, mas não preciso de ajuda.

Ao lado de um guarda-vestidos gasto, encontrava-se um toucador já muito gasto. Chloe enfiou o cesto com a tela escondida por baixo da mesa e sentou-se cautelosamente no velho banco, fingindo compor o cabelo ao espelho.

— Desejo-lhe uma boa noite, Senhor Duque.

Era a deixa para ele partir.

No entanto, Faircliffe tirou o chapéu e sentou-se no parapeito da janela.

Uma corrente de ar por cima do vidro despenteou alguns fios do seu cabelo escuro, dando-lhe uma sensação de movimento, mesmo estando ele ali sentado. Era como se, sob a sua postura descontraída, todos os músculos estivessem contraídos e prontos para saltar. Percebia-se compaixão nos seus olhos azuis.

— Deve ser terrível não ter perspectivas. Sinto muita pena por quem está desesperado.

— Não tenha pena de mim — resmungou ela por entre dentes. Para sua surpresa e desgraça, ser visível era ainda pior do que ser invisível.

Pobre Chloe Wynchester: estava tão abaixo de um duque. Ah! Mas *ela* é que devia ter pena *dele*.

Muitos lordes e damas limitavam-se aos cerca de um milhar de aristocratas da sua própria classe ou posição, o que relegava as debutantes para casamentos sem amor com libertinos, primos direitos, completos desconhecidos e inimigos figadais. Assim, todos os *restantes ingleses* faziam parte do grupo de potenciais futuros maridos de Chloe.

Ninguém se importaria se ela casasse com um talhante ou um livreiro, um farmacêutico ou um salteador. Era livre de escolher quem lhe apetecesse.

Isto, se alguma vez conseguisse escapar àquela interminável conversa.

Porque ignoraria ele as suas recusas mais do que evidentes? Estaria tão habituado a ser adulado que não reconheceria uma *despedida* a menos que ela própria o levasse a casa?

— Talvez tenhamos começado mal — disse o duque, lançando-lhe um sorriso simpático que a enfureceu, porque assim ficava ainda mais bonito. O Rei do Gelo do parlamento tinha mesmo uma covinha? Deus do céu. Mesmo ali por cima do seu queixo bem cinzelado.

Não admirava que o maldito homem aceitasse ser raptado sem se inquietar. Um sorriso daqueles fazia derreter saíotes. E inibições.

Mas o seu olhar era sério.

— Embora possamos nunca mais nos ver e tudo o que saibamos um do outro sejam as patéticas publicadas nas colunas de sociedade... — Aquela e outras tantas vezes que se tinham cruzado, mas quem as estava a contar? O duque pigarreou. — Antes que me vá embora, quero que saiba que...

Lá em baixo uma porta bateu.

— Onde está ela?!

Chloe fingiu uma expressão assustada. Tinha chegado o socorro! E agora, o que faria com o duque?

«Um romance irresistível e uma família de patifes adoráveis. Quero ser uma Wynchester!»

ELOISA JAMES

Chloe Wynchester cresceu à margem da alta sociedade, juntamente com os seus cinco irmãos, todos órfãos adotados por um barão generoso. Longe de ser uma mulher memorável, Chloe possui a habilidade de se infiltrar em qualquer ambiente sem dar nas vistas. Quando o quadro mais estimado da família desaparece, é a ela que os irmãos confiam a missão de o recuperar. Porém, ninguém esperava que, ao fazê-lo, ela raptasse acidentalmente um duque.

Lawrence Gosling, o novo Duque de Faircliffe, vive atormentado pelos erros cometidos pelo seu pai no passado. Para salvar o ducado e a honra da família, Lawrence tem de casar com uma mulher nobre com um bom dote. Por isso, quando dá por si sozinho numa caruagem conduzida por uma mulher indomável e pouco respeitável, teme que a sua reputação fique manchada. O que ele não sabe é que, mais tarde, irá temer igualmente que o seu coração lhe pertença.

Será o duque capaz de sacrificar o legado da família para ir atrás de um amor verdadeiro?

«Um romance de época encantador que irá apaixonar o leitor e deixá-lo a ansiar pelo próximo livro.»

KIRKUS REVIEWS

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-704-0



9 789895 647040

Ficção Romântica